

Antifeminismo no Instagram: como conservadores atribuem ao movimento feminista uma corrupção moral¹

Fernanda Kemilly Silva LIRA ²

Fabiana MORAES³

Universidade Federal de Pernambuco, de Caruaru, Pernambuco

RESUMO

É cada vez mais comum o uso do ambiente digital como forma de ação de grupos feministas. Nesse contexto, enquanto o feminismo se difunde nas mídias digitais, grupos contrários às pautas do movimento também ganham amplitude nos debates públicos. Esta pesquisa se debruçou sobre falas de mulheres antifeministas, propagadas através de perfis do Instagram, a fim de aprofundar o entendimento deste movimento que nasce em oposição ao feminismo. Foram constatadas observações acerca das falas que evidenciam que tais grupos utilizam uma retórica moralista para atribuir uma corrupção moral ao movimento feminista, enquanto lucram com a venda do compartilhamento de seus pensamentos, disponibilizando links de assinaturas mensais de cursos, entre outros materiais antifeministas.

PALAVRAS-CHAVE: feminismo; debate público; antifeminismo; corrupção moral.

INTRODUÇÃO

O espraio das redes sociais digitais popularizou diferentes discussões que eram comuns somente em nichos específicos da sociedade. Um grande exemplo é o debate em torno do feminismo⁴. O uso do ambiente digital como forma de ação e reflexão de grupos feministas tem sido cada vez mais comum (Ferreira, 2015). Nesse cenário, assim como o feminismo e seus ideais se difundem nas mídias digitais, grupos contrários às pautas do movimento também ganham amplitude nos debates públicos. A proposta desta pesquisa é justamente estudar os grupos que se denominam como antifeministas e professam valores contrários aos destes movimentos de garantia de

¹ Trabalho apresentado no IJ05 - Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduanda do Curso de Comunicação Social do CAA-UFPE, e-mail: fernanda.kemilly@ufpe.br.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social do CAA-UFPE, e-mail: fabiana.msilva2@ufpe.br

⁴ Entre as vastas definições existentes sobre o feminismo, a defendida por Lima (2023) aponta que se trata da rejeição ao patriarcado, junto a reivindicação de direitos fundamentais para as mulheres, por meio de uma ação que pode ser coletiva ou individual. 51% das brasileiras apoiam o movimento, segundo pesquisa realizada em 2022 pela Ipsos - empresa global de pesquisa de mercado e opinião pública (UOL, 2022).

direitos às mulheres, particularmente através da rede social Instagram⁵, sabendo que não só atuam nas redes digitais, como ainda possuem representações também na política institucional brasileira.

No Brasil, a deputada estadual Ana Campagnolo (PL/SC), por exemplo, é uma figura política de notória visibilidade que se autodenomina antifeminista e propaga tal bandeira no meio digital e nos diferentes espaços que participa como legisladora. Em seu perfil do Instagram, a parlamentar eleita pelo estado de Santa Catarina, filiada ao Partido Liberal, acumula atualmente 1,4 milhão de seguidores. Entre as falas proferidas pela deputada contra feministas, está a alegação de que elas odeiam a família e o casamento⁶.

Ferreira (2015) utiliza a palavra ciberfeminismo para tratar das diversas representações envolvidas na relação internet e feminismo, mostrando sua força política nos debates atuais. Em contrapartida, o antifeminismo, definido por Cruz e Dias (2015) como um retrocesso para a sociedade moderna devido às características discriminatórias contra mulheres, também cresce nos debates públicos.

Várias especificidades nos discursos antifeministas já foram apontados por teóricos, a exemplo do que Rachel Soihet (2005) defende quando diz que conservadores usam a militância feminista como elemento para zombaria e associação ao que é entendido como promíscuo. Segundo a autora, na tentativa de frear possíveis desequilíbrios de poder dos homens, maneiras de expressão que fogem de um ideal construído de mulher ou de feminino são ridicularizadas.

Nesta pesquisa, particularmente, foi observada a presença intensa de questões ligadas à moralidade nos conteúdos coletados: o feminismo é apresentado como um caminho que leva à destruição de determinados valores morais, como uma corrupção moral, segundo as antifeministas. Além disso, foi constatado que há finalidade lucrativa na disseminação de tais pensamentos pelos grupos que se opõem ao feminismo. A partir da venda de cursos e outros materiais antifeministas, as mulheres antifeministas que analisamos ganham dinheiro.

⁵ Pertencente a empresa Meta, possibilita o compartilhamento de mensagens de texto e imagens entre usuários, dentre outras ferramentas. No Brasil, a rede ocupa o terceiro lugar no ranking das mais consumidas. (Forbes, 2023)

⁶ A fala pode ser conferida em um vídeo publicado na conta pessoal do *Instagram* de Campagnolo, disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C7UY1BIOq5l/?igsh=MTBzaHlzeTNtbThybO%3D%3D> Acesso em: 17 de jun de 2024.

Estas duas questões foram aprofundadas sob as perspectivas defendidas pelo sociólogo brasileiro Richard Miskolci (2021) acerca, especificamente, de dois conceitos: pânico moral e empreendedorismo moral. Além disso, a pesquisa se debruçou sobre estudos realizados por teóricas feministas, a fim de explicar definições sobre o feminismo, bem como o antifeminismo - suas diferenças e especificidades. A partir disso, a pesquisa se concentra em questionar como o antifeminismo atribui ao movimento feminista uma corrupção moral.

METODOLOGIA

É importante destacar o Instagram, que ocupa o terceiro lugar no ranking das redes sociais digitais mais consumidas pelos brasileiros (Forbes, 2023), como um espaço importante para a construção do feminismo no Brasil, como mostram os trabalhos de Ferreira (2015), que estuda as diversas maneiras de atuação do feminismo na rede, e de Coêlho (2021), que produziu uma análise da produção teórica de conhecimento feminista em perfis do Instagram.

Esta pesquisa está sendo desenvolvida desde setembro de 2023. Até o momento, nossos métodos utilizados foram etnografia e revisão bibliográfica. Foram escolhidos 3 perfis antifeministas do Instagram e a coleta obtida dos dados foi confrontada com perspectivas teóricas. Os conteúdos coletados derivam de postagens disponíveis no feed, ferramenta que proporciona a publicação de vídeos e fotos que ficam registradas para os usuários que visitam o perfil. Todas as falas comentadas nesta pesquisa são de vídeos publicados pelas mulheres antifeministas selecionadas.

Apontamentos Iniciais

| Nome (@) | Pietra Bertolazzi (doutrinazer0) | Cris Corrêa (_correacris) | Ana Campagnolo (anacampagnolo) |
|------------------------|---|--|--|
| Número de seguidores | 899 mil | 123 mil | 1,4 M |
| Descrição atual da bio | “Cancelada semanalmente por dizer | “Cristã. Pedagoga. Especialista em Ciências Humanas. | Deputada estadual mais votada da história de SC, |

| | | | |
|-----------------------------------|--|--|---|
| | verdades que doem - mas amadurecem. Cursos, livraria e Instagram.” | Te ajudo entender: Feminismo e Cristianismo. Cursos, Aulas + Bate-papos no link 19,90” | presidente do PL Mulher SC, autora antifeminista e professora de história. Curso no LINK R\$ 19,90” |
| Principais temas abordados | Cristianismo Casamento Política | Antifeminismo Cristianismo Política | Antifeminismo Política Democracia |

Esta tabela, que registra a atual quantidade de seguidores e os principais temas abordados pelos perfis, também evidencia a forma como cada uma das mulheres analisadas escolhe se apresentar através da bio, com a presença unânime do oferecimento de cursos e assinaturas de materiais antifeministas e conservadores.

As constatações realizadas ao longo da pesquisa demonstram que as narrativas morais predominam nos discursos antifeministas e que, particularmente no Instagram, tais pensamentos são disseminados em meio a convites para que usuários da plataforma comprem materiais exclusivos, que estão à venda. A coleta foi confrontada com estudos teóricos sobre feminismo e antifeminismo, bem como questões sobre a atual realidade política do país, particularmente os debates públicos acerca de questões que envolvem os direitos das mulheres.

O feminismo e seu opositor - o antifeminismo

A relação entre o cenário das eleições presidenciais do Brasil, a partir de 2010, e a ocorrência de transformações nos debates públicos é estudada por Miskolci (2021) como um fator determinante para entender os conflitos atuais ligados às questões de gênero e direitos sexuais. O autor explica como a vitória eleitoral de Dilma Rousseff, primeira mulher eleita presidenta do Brasil, contribuiu com o surgimento de discussões que não eram comuns no debate público, a exemplo da legalização do aborto, fazendo surgir também movimentações de apoio e discórdia.

É nesse contexto que os movimentos feministas, que abordam os mais diversos direitos das mulheres, enquanto crescem, também assistem o antifeminismo tomar voz nas plataformas digitais. Diversas páginas no Instagram, declaradas como

antifeministas, são criadas a fim de contrapor as ideologias do feminismo, muitas vezes investindo contra os direitos civis conquistados para as mulheres. O caso que ganhou notoriedade em 2022, em que a juíza Joana Ribeiro Zimer induziu uma menina de 11 anos, grávida após ser estuprada, a desistir do aborto legal (G1, 2022), demonstra a atual realidade em que os direitos de meninas e mulheres estão em risco, mesmo quando garantidos constitucionalmente.

É preciso pontuar que o antifeminismo é, a princípio, um movimento contra os pressupostos do feminismo. Segundo Cruz e Dias (2015)

O antifeminismo em suas diversas manifestações é compreendido em suas diversas dimensões, como um retrocesso no processo de modernização da sociedade, expressão de fisionomia da tradição, ou expressão de preconceito, relacionada à problemática do “lugar” da mulher como parte de grupos socialmente discriminados na sociedade brasileira (2015, p. 35).

Esse movimento, que quer limitar as atuações das mulheres nas diferentes esferas sociais, coloca em perigo direitos civis conquistados ao longo da história. Em vídeo⁷ publicado pela influenciadora digital antifeminista Pietra Bertolazzi (899 mil seguidores) no Instagram, o uso do top pelas mulheres é defendido como forma de “levar o próximo a pecar por pensamento”. Na fala, ela desnatura a utilização da peça de roupa com base em pensamentos de São Tomás de Aquino, acerca da falta de pudor e de vergonha, e alega ainda que não se trata de um julgamento, mas de uma constatação. Bertolazzi é cristã e usa seu perfil do Instagram para falar sobre política, cristianismo e casamento, além de realizar críticas diretas às feministas.

Em outro vídeo⁸, a influenciadora afirma que é a favor do perdão a traições dentro de um casamento. Na postagem, ela fala apenas das traições cometidas por homens contra mulheres. Os dois materiais apontam que, para ela, uma mulher não deve se vestir com uma peça de roupa como um top, pois contribui para o pecado do homem, que seria o adultério e, enquanto isso, se for traída é favorável perdoar seu parceiro. Falas como essas escancaram a naturalização da mulher submissa ao homem, priorizando os interesses masculinos em detrimento dos seus. Essa é uma problemática

⁷ Disponível em:

https://www.instagram.com/reel/C6e9_olMWE8/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Acesso em: 15 de jun de 2024.

⁸ Disponível em:

https://www.instagram.com/reel/C5hMYBIMkJm/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Acesso em: 13 de jun de 2024.

denunciada pelas feministas, como apontam Cruz e Dias: “As feministas denunciam que a experiência masculina tem sido privilegiada ao longo da história, enquanto a feminina, negligenciada e desvalorizada” (2015, p. 16).

As ideias em torno do feminismo, no Brasil, ganharam força a partir do ano de 1975, quando uma articulação foi desenvolvida pelas mulheres em diversos pontos do país (Coelho, 2021).

A partir da redemocratização do país, o movimento se divide quando algumas feministas passam a ocupar cargos institucionais, institucionalizando pautas e lutas. Vários grupos de mulheres, como as lésbicas, as negras e as periféricas, não se sentem representadas e passam a se organizar em torno de questões específicas de suas vivências. A pluralização do movimento continua crescendo e se (re)modelando entre os anos 2000 e, principalmente, 2010 (Coelho, 2021, p. 156)

Ao longo de sua trajetória, o movimento foi se tornando heterogêneo, a exemplo do feminismo negro. No Brasil, nomes como Djamila Ribeiro, ativista social, escritora e professora, explicam como feminismos negros podem ampliar democracias (Ribeiro, 2018).

Já para antifeministas como a deputada Ana Campagnolo (PL/SC), o feminismo na verdade atrapalha a civilização⁹, com a justificativa, por exemplo, de que “mulheres inflamadas pelo movimento feminista”¹⁰ realizam acusações falsas de violência, atrapalhando as mulheres que realmente são violentadas.

Campagnolo tem livros de sua autoria com a temática antifeminista e usa seu perfil do Instagram para propagar tal bandeira, assim como nos espaços que ocupa enquanto legisladora, inclusive na tribuna. Em 2022, a deputada associou a cientista social Simony dos Anjos ao demônio: "Toda feminista é abortista, toda abortista é do demônio, não existe feminista cristã", declarou (2022, UOL). Simony, que fala abertamente sobre ser uma feminista evangélica (Agência Pública, 2019) foi duramente criticada também por Cris Corrêa (103 mil seguidores), figura antifeminista e cristã, que também utiliza o Instagram para o compartilhamento de seus pensamentos e centraliza a

⁹ Disponível em:

https://www.instagram.com/reel/CyBagAvu6e3/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Acesso em: 13 de jun de 2024.

¹⁰ Disponível

em: https://www.instagram.com/reel/C5ZdO9-O3XI/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Acesso em: 27 de maio de 2024.

ideia de que não existe feminista cristã. Em seu perfil, ela convida: “te ajudo entender feminismo e cristianismo”.

Entre as declarações feitas por Corrêa, está a de que “o feminismo é um ladrão de conquistas”¹¹ porque se credibiliza de ações de mulheres ou movimentos que não fazem parte do feminismo. Esta postura de pautar o movimento feminista como não sendo o protagonista de diferentes conquistas das mulheres ou o responsável por prejudicar outras mulheres se revelou presente nas nossas análises, como apresentado. Cruz e Dias (2015) discutiram isso em meio a análise de um blog antifeminista.

Questiona-se as conquistas das mulheres feministas na modernidade, ou mesmo, o processo de “estrago” que elas estão fazendo com outras mulheres. A expectativa do blog é lutar para banir o pensamento feminista, para que se possa ter novamente a mulher ideal (passiva, obediente, amorosa, cuidadosa) criada pelo patriarcado (2015, p. 40).

Esta mulher ideal é narrada nos conteúdos coletados como a mulher que preza pela família e pelo casamento. Ana Campagnolo se dedica, por exemplo, a explicar o que é um casamento real¹², enquanto Pietra Bertolazzi enfatiza que a mulher deve escolher bem o parceiro para poder ser submissa a um bom homem¹³.

A resposta moral à venda por antifeministas

Uma das constatações desta pesquisa mostra que o compartilhamento de ideias antifeministas no Instagram é disseminado junto a propostas de venda dos seus pensamentos, ou seja, antifeministas ganham dinheiro enquanto levantam sua bandeira ideológica e política. Para problematizar tal situação, exploramos perspectivas pontuadas por Miskolci (2021), começando pela análise perante situações vividas no cenário partidário brasileiro desde 2010.

Em maio de 2011, o Supremo Tribunal Federal (ST) reconheceu legalmente as uniões entre pessoas do mesmo sexo. Em retaliação, um deputado obscuro com bases eleitorais militares e religiosas

¹¹ Disponível em:

https://www.instagram.com/reel/C17wQLLO4sv/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Acesso em: 27 de maio de 2024.

¹² Disponível em:

https://www.instagram.com/reel/C7eXgPWOizV/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Acesso em: 13 de jun de 2024.

¹³ Disponível em:

https://www.instagram.com/reel/Cx8SfW1OIXj/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Acesso em: 10 de jun de 2024.

“denunciou” um programa federal de combate à discriminação sexual e de gênero nas escolas como sendo um suposto “kit gay” que ameaçaria nossa infância. Assim, Jair Messias Bolsonaro desencadeou um pânico homossexual e colocou a escola no olho do furacão político que se armava (Miskolci, 2021, p. 19).

Esse pânico homossexual é esclarecido pelo autor como um medo de que as crianças se tornassem homossexuais a partir da distribuição do tal kit. O pesquisador pontua também que o pânico foi a razão pela qual Rousseff vetou o programa federal, o que se tornou um pontapé para a direita se unir - assim como a extrema direita.

A compreensão de qualquer pânico moral envolve sempre responder à mesma questão: *cui bono?* Quem se beneficia do medo coletivo? Os empreendedores morais que desencadeiam campanhas sob o formato de cruzada, catalisando as respostas emocionais ao terror que eles próprios disseminam (Miskolci, 2021, p. 61).

As plataformas digitais, de acordo com Miskolci, serviram de microfone para as manifestações de apoio e discórdia da opinião pública acerca das discussões que passam a ser pautadas nesse cenário de ascensão da direita no país. Tais discussões centralizaram direitos sexuais e reprodutivos, explica o autor.

O pesquisador defende ainda a existência de uma cruzada moral formada por grupos com interesses diversos, religiosos ou não, para se opor à agenda de direitos sexuais e reprodutivos, não só das mulheres, mas também da comunidade LGBTQIAP+, por exemplo. Para ele, tal cruzada é um campo em que há um repertório moral usado por grupos que atuam como empreendedores de soluções para pânicos instaurados em diferentes comunidades. Nesse repertório, existe o que ficou conhecido como “ideologia de gênero”. Miskolci traz explicações sobre o surgimento e o fortalecimento da expressão e seu significado na sociedade brasileira. Aqui, cabe pontuar o que o autor defende quando diz que a ideologia de gênero surgiu como forma de impedir avanços na agenda de direitos sexuais e reprodutivos de mulheres.

Assim, duas questões são fundamentais nessa discussão: a primeira é que tal corrupção moral é atribuída, pelos conservadores, como responsabilidade de progressistas. A outra é o empreendedorismo moral adotado por parte destes grupos como estratégia de se beneficiar do pânico moral.

Paralelo a isso, as mulheres ativistas do feminismo, enquanto progressistas, são narradas como parte desta corrupção moral. Em fala proferida por Pietra Bertolazzi, uma das antifeministas que está sendo analisada neste trabalho, ela ataca a democracia

com a justificativa de que “a sociedade está moralmente destruída”¹⁴, exemplifica a pauta favorável a legalização do aborto, que é defendida por feministas, e afirma que a democracia, portanto, é o problema.

Em uma sociedade que tende a se fundir com a opinião pública moldada pelas redes sociais, disputas entre grupos de interesse podem se cristalizar em oposições binárias, simplistas e moralizantes como a de uma luta do bem contra o mal (Miskolci, 2021, p. 56).

Trata-se do que Miskolci denomina de corrupção moral, o que conservadores e ultraconservadores enxergam na sociedade brasileira atual e estão dispostos a combater. Na legenda do vídeo, Bertolazzi escreveu: “a democracia condenou Jesus”. Na bio de seu perfil, a influenciadora disponibiliza um link que direciona o usuário do Instagram a diversos outros links, a exemplo de suas contas nas plataformas Telegram e Twitter. Um desses links permite acesso a seu curso intitulado de Doutrina Zero, em que ela promete entregar do zero os principais temas necessários para se tornar alguém com posicionamento firme e seguro na sociedade atual, em que a esquerda dissemina mentiras.¹⁵

Já no perfil da deputada Ana Campagnolo (SC/PL), o link disponível na sua bio indica duas opções: Videoteca Campagnolo, em que conteúdos sobre política, cultura, história e filosofia são prometidos por 19,90 ao mês ou pela assinatura anual de 12x de R\$ 14,90 e também a livraria conservadora, em que livros de diferentes autores, incluindo ela, são recomendados. No perfil de Cris Corrêa, a terceira antifeminista analisada neste trabalho, ela convida: “Cursos, Aulas + Bate-papos: 19,90”. No link, algumas categorias são: “Caráter Anticristã do Feminismo” e “Como estudar o Feminismo”.

Assim, cabe relacionar a teoria de Miskolci (2021) sobre o que ele denomina de empreendedorismo moral. Para ele, os empreendedores morais usam das fragilidades de comunidades abaladas, por alguma razão econômica ou social, para empreender suas explicações e respostas. Tal problemática se mostra muito semelhante aos perfis antifeministas, em que diferentes problemas da sociedade atual são narrados e

¹⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C2IRY8XMGcg/?igsh=MWcxY2hlM3FmdjhrMg%3D%3D>
Acesso em: 10 de jun. de 2024.

¹⁵ Disponível em:
https://pietrabertolazzi.com/dz/?utm_source=bio&utm_medium=organico&utm_campaign=DZ&utm_content=bio-ig&utm_term=bio Acesso em: 10 de jun. de 2024.

atribuídos como responsabilidade de progressistas, principalmente das mulheres feministas.

REFERÊNCIAS

CRUZ, M. H.; DIAS, A. F. **Antifeminismo**. Revista de estudos de cultura, 2015.

COELHO, Clara. **Feminismos no Instagram: uma análise sobre compartilhamento de teoria feminista na rede social**. São Paulo: Periféria, 2021.

DIP, Andrea. Uma feminista na igreja. Agência Pública, 21 de maio de 2019. Disponível em: https://apublica.org/2019/05/uma-feminista-na-igreja/#_ Acesso em: 1 de jun de 2024.

FERREIRA, Carolina. **Feminismos web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo**. Cadernos Pagu, 2015.

GERALDO, Nathália. 51% das brasileiras apoiam feminismo; 23% da população vê prejuízo em luta. **UOL**, São Paulo, 8 de mar de 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/03/08/51-das-brasileiras-apoiam-feminismo-23-da-populacao-ve-prejuizo-em-luta.htm> Acesso em: 24 de maio de 2024.

MAYER, Sofia. O que se sabe sobre caso da menina de 11 anos impedida de fazer aborto em SC após estupro. **G1**, 21 de jun de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/06/21/o-que-se-sabe-sobre-caso-da-menina-de-11-anos-impedida-de-fazer-aborto-em-sc-apos-estupro.ghtml> Acesso em: 24 de maio de 2024.

MISKOLCI, Richard. **Batalhas Morais: política identitária na esfera pública tecno-midiatizada**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

PACETE, Gustavo. Brasil é o terceiro maior consumidor de redes sociais em todo o mundo. **FORBES**, 9 de mar de 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-consome-redes-sociais-em-todo-o-mundo/> Acesso em: 17 de maio de 2024.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, M; PERGENTINO, G. **Movimentos antifeministas e desinformação: uma análise dos discursos promovidos no Instagram**. São Cristovão: Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação, 2022.

SOIHET, RACHEL. **Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários**. Florianópolis: Estudos Feministas, 2005.

SUAREZ, Joana. Como funciona o movimento que propaga o ódio às feministas no Brasil. **UOL**, 1 de ago de 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/azmina/2023/08/01/brasil-como-funciona-o-moviment>

